

# Esperando, esperando, esperando...

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO  
Consultor em estratégia

**E**sperando, esperando, esperando  
Esperando o sol  
Esperando o trem  
Esperando o aumento  
Para o mês que vem  
Esperando a festa  
Esperando a sorte  
E a mulher de Pedro  
Esperando um filho  
Pra esperar também

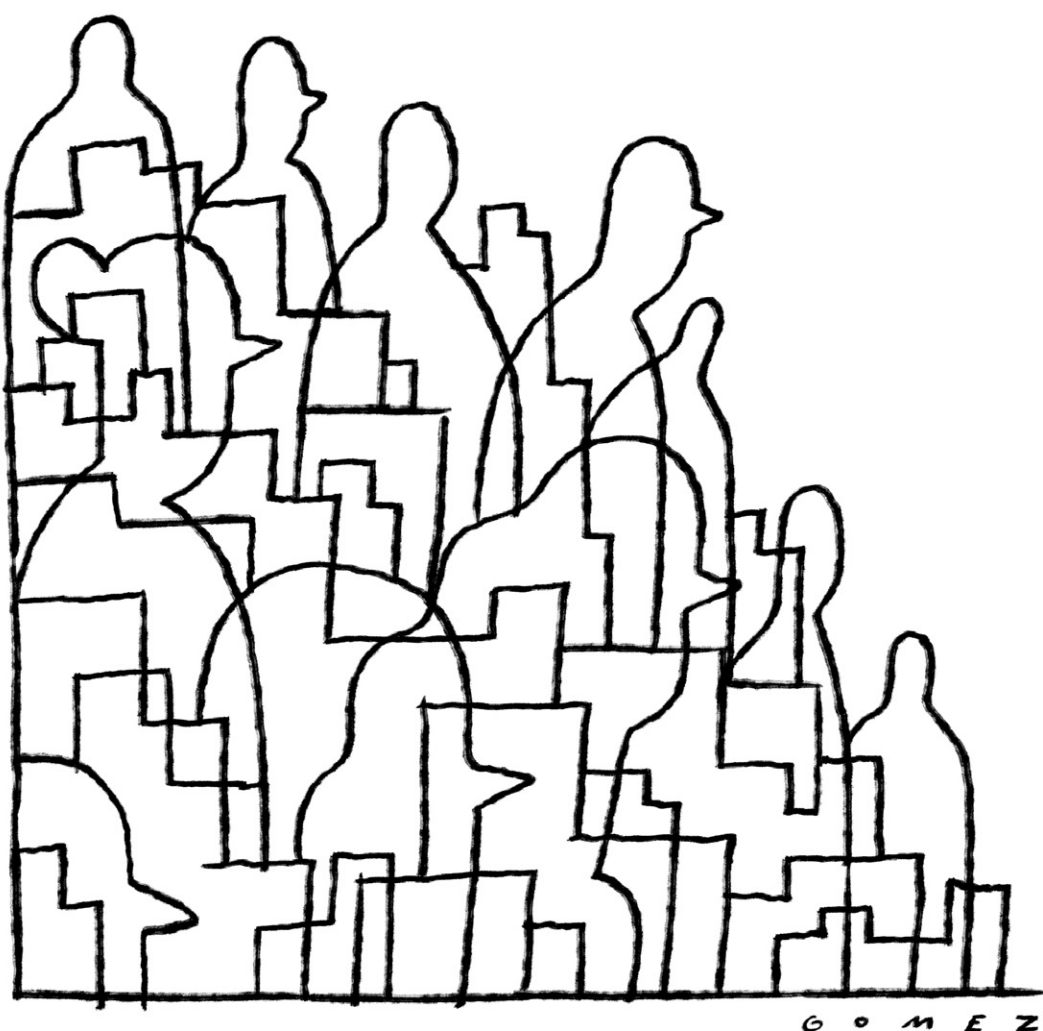
Esses versos são da música *Pedro Pedreiro*, de Chico Buarque, lançada em seu primeiro compacto no ano de 1965, retratando o cotidiano de um trabalhador. Ela me veio à lembrança ao assistir na tevê as inúmeras reportagens sobre a tragédia de Petrópolis e os depoimentos de diversos sobreviventes. Algumas histórias são tão dramáticas quanto reveladoras.

Em janeiro de 2011, mês da catástrofe climática na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, Rafael Castro Xavier e sua família perderam tudo após sua casa, no distrito de Itaipava, ser invadida pelas águas. Passado o trauma, conseguimos reconstruir suas vidas. Recentemente, Rafael e esposa haviam se mudado para o bairro Quitandinha. Diariamente, ele pegava um ônibus para se dirigir ao supermercado no Centro, onde trabalhava. No dia 15, o veículo em que estava foi tragado pela correnteza em imagens que correram o Brasil. Deficiente físico, com uma das pernas amputadas, ele não conseguiu se salvar.

No dia 22, o jornal *RJ1*, da TV Globo, mostrou a situação de muitos petropolitanos que perderam a casa nas chuvas de 2011. A promessa de uma nova moradia demorou cinco anos para se concretizar, como é o caso do conjunto habitacional Condomínio da Posse, que só começou a ser entregue em 2016, mas com obras mal feitas ou incompletas.

A mesma matéria apresentou-nos o caso de Edna Araújo. Em 2006, quando teve sua casa condenada pela Defesa Civil, ela se cadastrou para ter acesso ao aluguel social, mas somente em 2021, 15 anos depois, começou a receber. Atualmente há 1.350 pessoas na fila para receber o auxílio.

Todos sabem que tragédias, como a acontecida no dia 15, são resultado da combinação das mudanças climáticas aceleradas pelo desmatamento com a ocupação irregular e desordenada do solo urbano, particularmente morros e encostas. Segundo levantamento feito pelo MapBiomass, a ocupação irregular no município cresceu 108,8% entre 1985 e 2020, mesmo após grandes tragédias, como as de 1988, 2011 e 2013.



G O M E Z

No Plano Municipal de Redução de Riscos, de 2017, foram mapeadas 27.704 moradias “em áreas de risco alto e muito alto”. Uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) indicou que, em 2018, pouco mais de 70 mil pessoas moravam nas áreas de risco de desastres naturais, o equivalente a 24,4% da população total do município distribuída em 24.089 domicílios.

E, por falar em Cemaden, é bom lembrar que esse órgão foi criado após a tragédia de 2011 e representou um importante avanço no processo de redução de mortes decorrentes dos chamados desastres naturais. Ao detectar a possibilidade de ocorrência de um desastre, o órgão emite, com alguns dias de antecedência, o alerta para a Defesa Civil nacional que faz a comunicação com as Defesas Cívicas estaduais e municipais. Registre-se que o comandante da Defesa Civil de Petrópolis confirmou ter recebido o alerta na véspera do evento, mas considerou que seria uma chuva de verão. Como assim?! Por que as sirenes não foram acionadas?!

Para completar tal cenário, o jornalista Ruben Berta, do *UOL*, informou que, em 2016, o Cemaden instalou nove equipamentos no

Brasil para acompanhar em tempo real deslizamentos de terra. São sensores denominados ETR (Estações Totais Robotizadas). Porém todos estão parados desde janeiro de 2018 por falta de verba do governo federal para sua manutenção, sendo que uma delas deveria funcionar justamente em Petrópolis.

Os relatos e as informações acima são mandatórios para provocar uma mudança de comportamento da sociedade brasileira. Precisamos parar de aceitar passivamente justificativas do tipo “nunca choveu tanto” ou promessas de que “vamos garantir novas moradias para retirar as pessoas das áreas de risco”. Os orçamentos públicos nos três níveis federativos revelam uma verdade incontestável: a cada ano reduzem-se os recursos destinados à prevenção.

Levantamento do Instituto de Pesquisas Tecnológicas informa que desde 1988 passamos de 4 mil mortes por deslizamentos no país. E até o momento em que escrevo esta coluna, já são mais de 200 mortes, 89 desaparecidos e quase 1 mil desabrigados em Petrópolis.

Enquanto isso, só tem restado à maioria da população vítima desses desastres contar com a ajuda e a solidariedade de voluntários, além de vizinhos e familiares igualmente atingidos pelas tragédias. E, como Pedro Pedreiro, continuarem esperando...

## Os eventos, os negócios e o chão da praça

» VALDIR OLIVEIRA  
Superintendente do Sebrae no DF

O compositor cearense Fausto Nilo fez o hino que eternizou o carnaval baiano. *Chão da Praça* retrata o que a música e a poesia podem fazer com a alma das pessoas. Não existe tristeza na celebração popular. É na alegria que o pobre e o rico se igualam, porque ambos são capazes de balançar o chão da praça igualmente. A tristeza deprime; a alegria é o resgate de vidas.

Como faz falta o tremer do chão da praça. A pandemia, dentre os males que causou, nos tirou a alegria de viver. O brasileiro sempre foi de festejar, mas o medo nos fez guardar o sentimento e o recolhimento nos fez perder a química do encontro, do abraço e do beijo. Trocamos o carinho do encontro pelo medo, nos isolamos. Entristecemos nessa pandemia.

Mas a tristeza não é só do vazio do chão da praça. Ela está batendo forte nas milhares de famílias que estão há dois anos sem trabalhar. Neste período, em Brasília, foram fechadas cerca de mil empresas do segmento de eventos. Hoje, são quase sete mil empresas ativas na cadeia produtiva de eventos do Distrito Federal. Impera o desespero dos pais e a dependência da solidariedade para a sobrevivência das famílias.

Não foi a primeira vez que o setor de eventos se preparou para voltar. Quem tinha recursos, investiu para esse carnaval. Cachês pagos, estrutura contratada e ingressos vendidos. Tudo isso gira como se fosse um motor no qual o combustível é o dinheiro e a força motriz é a alegria das pessoas no chão da praça.

Mas, quando tudo estava preparado, veio a piora da crise sanitária. O risco do aumento da contaminação obrigou o Estado a impedir aglomerações, proibir festas públicas e privadas. Os eventos têm no seu DNA a aglomeração,

isso é inevitável. Os ingressos vendidos tiveram que ser devolvidos, os cachês e estruturas pagas ficaram como crédito para uma próxima oportunidade. A conta não fecha. Os negócios que compõem essa cadeia produtiva, quase a totalidade formada de pequenos negócios, se prepararam com investimentos, mas não puderam operar, porque os eventos foram suspensos. São investimentos que redundaram em prejuízos imensos. Assim foi este carnaval e assim tem sido os últimos dois anos para as empresas do segmento de eventos.

A propagação do coronavírus deve ser combatida. Nenhuma vida deve ser arriscada para manter os negócios funcionando. Mas tudo indica que iremos conviver com esse vírus e essa pandemia por mais tempo. A grande arma para proteção das vidas já foi apresentada: a vacina. Ela nos proporcionou conter, em grande escala, a gravidade da doença. Os exames, mais acessíveis, ajudam a detectar os contaminados, mesmo os assintomáticos. Quem sabe não seja esse o caminho para iniciarmos a celebração com os eventos? Os vacinados e testados estão protegidos contra as formas mais graves da doença. E estes podem voltar a celebrar a vida no chão da praça.

Mas não adianta o esforço do governo e das empresas do segmento de eventos se todos nós não tivermos consciência da nossa responsabilidade. Os primeiros responsáveis pela nossa saúde somos nós mesmos. As empresas estão se preparando para um controle rigoroso em forma de aplicativo para os vacinados e devem investir nos testes preventivos de covid. Mas a responsabilidade primeira é de quem quer voltar para celebrar no chão da praça.

Não é razoável demonstrar repulsa à corrupção e, ao mesmo tempo, tentar formas de

burlar os protocolos de segurança. Esse deve ser o controle social. O governo não pode responder pela consciência das pessoas, e não adianta colocar nas autoridades a responsabilidade única pelo controle da pandemia se não fizermos a nossa parte. Sem essa consciência e atitude da sociedade, não restará outra alternativa senão o impedimento da realização dos eventos. E se esse for o caminho, a sociedade precisará arcar com uma política de renda mínima, ou auxílio emergencial, para aqueles impedidos de se sustentar pelo seu próprio trabalho.

Leigos não podem debater a ciência. Essa pauta deve ser dos especialistas, a quem devemos respeitar. Mas a sociedade precisa apoiar quem está sofrendo por não poder trabalhar. As famílias desassistidas e as empresas inviabilizadas precisam ser resgatadas por nossa sociedade.

A pandemia não acabou e o coronavírus continuará trazendo riscos às nossas vidas. Os protegidos — vacinados e testados — devem ocupar o chão da praça e fazer brotar a alegria de volta no coração do brasileiro. Somente a responsabilidade de todos nós evitará que a retomada dos eventos se torne um problema para todos.

A fé na música cantada por Fausto Nilo pode trazer a alegria, os negócios e empregos da Brasília que ganhará a guerra contra a pandemia. Temos todos esperança de dias melhores, com a celebração da vida e a tão desejada geração de empregos, respeitando os que empreendem em suas vocações e amenizando a dor dos que sofrem com a tristeza do isolamento.

Que Deus abençoe o empreendedorismo do Distrito Federal.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## O texto-bomba

Em meio às bombas que começaram a cair, na madrugada de ontem, sobre a cabeça dos civis na Ucrânia, forçando milhares de idosos, mulheres e crianças a fugirem às pressas das principais cidades daquele país, no que poderá se constituir no mais novo flagelo humano da atualidade, nossos lépidos parlamentares cuidaram, logo na calada da noite, de lançar sobre a população brasileira o texto-bomba do projeto que legaliza os jogos de azar em todo o país, com a volta dos bingos e dos cassinos.

Por 246 votos a favor e 202 contra, o chamado texto-bomba passou na Câmara, abrindo a porteira para a consolidação não só dos cassinos, mas do jogo do bicho e dos jogos on-line. A urgência pedida para a apreciação dessa matéria e o empenho das principais lideranças dentro da Câmara para a aprovação da medida explicitam os muitos interesses que estão por trás desse projeto.

Caso seja aprovada pelo Senado, a lei liberando geral a jogatina cairá como uma verdadeira bomba sobre a cabeça da nação, pois, entre outras consequências imediatas, criará uma espécie de banco especial para a lavagem de dinheiro do tráfico de drogas e de armas, além, obviamente, de uma excelente lavanderia para o branqueamento dos recursos desviados pela corrupção.

Muito mais importante do que programas sérios nas áreas de educação e saúde para a população. Iniciativas que poderiam favorecer a sociedade, como o fim do foro privilegiado para todos, ou a prisão em segunda instância, ou mesmo o endurecimento das leis de Improbidade Administrativa e da Ficha Limpa, não são mencionadas como prioridades. Pelo contrário, são afrouxadas para facilitar os atos costumeiros contra o erário. Os brasileiros de bem sabem o que se esconde nas entrelinhas de medidas dessa natureza, que visam apenas ao favorecimento daqueles que sempre viveram à sombra do trabalho alheio, quer na contratação, quer no crime organizado propriamente ditos, quer em acordos políticos sempre buscando ganhos escusos e o favorecimento para si e para seus grupos.

A aprovação dessa proposta é claro retrocesso e sinal preocupante a mostrar que o crime organizado, por meio do lançamento de candidaturas próprias, vai, pouco a pouco, se infiltrando nas instituições do Estado. A liberação da jogatina é só uma forma de aplainar os caminhos para a entrada dessas organizações nas entranhas da máquina do Estado, de onde jamais sairão.

Não há qualquer ilusão sobre o fato de que cassinos, casas de bingos e outras modalidades de jogos de azar, ao favorecer apenas os donos desses estabelecimentos, ou os testas de ferro das organizações criminosas, não trará benefício algum ao cidadão brasileiro. Pelo contrário, transformará nosso país, campeão mundial na modalidade de violência urbana, em um paraíso tropical para a lavagem de dinheiro de nossos criminosos, com ou sem colarinho branco, e das muitas máfias internacionais que buscam aplicar e branquear os ganhos astronômicos com todo e qualquer tipo de crime, inclusive o tráfico de órgãos humanos.

Putin não precisa enviar tropas para invadir e destruir o Brasil. Nossos representantes políticos são muito mais eficazes e mortais.

### » A frase que foi pronunciada

“A maneira mais rápida de acabar com uma guerra é perdê-la.”

George Orwell

### Sacrifício

» Para a satisfação de seus desígnios tirânicos, ditadores em evidência não se fazem de rogados e mandam sacrificar, no altar personalista da pátria, o que uma nação tem de mais importante, que é sua população jovem, mandada impiedosamente para o campo de batalha.

### História

» Repleta está toda a história da humanidade de exemplos iníquos como esse em que um único indivíduo é capaz de conduzir para o matadouro milhares de conterrâneos na flor da idade, apenas para a satisfação de um gigantesco ego assassino.

### Longevo

» Há mais de duas décadas no poder, por meio de manobras e malabarismos políticos e até sanguíneos, Putin revela ao mundo seu acentuado caráter psicológico de psicopatia. Mesmo que os tribunais internacionais, no futuro, se eximem de condená-lo por crimes contra a humanidade, de certo, ficarão nos livros de história as escaramuças desse novo e transloucado Napoleão de hospício.

### Ocidente

» Ao assistir, de braços cruzados, a uma nação inteira ser esmagada diante do mundo, o Ocidente, na figura da Otan, dá uma demonstração clara da pouca valia de sua existência.

### » História de Brasília

*Deve fazer muita raiva a muita gente, a W-3, como ela se encontra agora. No começo, perto do Eixo Monumental, o jardim está uma beleza, e é uma resposta colorida aos que não acreditavam nas possibilidades de recuperação do nosso solo. (Publicada em 18/2/1962)*